



Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista

Latinoamericana

E-ISSN: 1984-6487

mariaglugones@gmail.com

Centro Latino-Americano em Sexualidade e
Direitos Humanos
Brasil

Cantalice, Tiago

O melhor do Brasil é o brasileiro! Corpo, identidade, desejo e poder
Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, núm. 7, abril, 2011, pp. 69-102
Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
Río de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322073004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.7 - abr. 2011 - pp.69-102 / Cantalice, T. / www.sexualidadesaludysociedad.org

**O melhor do Brasil é o brasileiro!
Corpo, identidade, desejo e poder**

Tiago Cantalice

Mestre em Antropologia

Professor da Faculdade Joaquim Nabuco-Recife e da Faculdade
de Comunicação Tecnologia e Turismo de Olinda
Recife, Brasil

> tiagocantalice@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever quem são os parceiros das trocas afetivo-sexuais que se dão entre homens *nativos/locais* da Praia da Pipa – Rio Grande do Norte, Brasil (chamados emicamente de *caça-gringas*) e mulheres estrangeiras em contextos de viagem turística, analisando suas marcas corporais e os sistemas de diferenciação em que estão inseridos, dissertando sobre como eles/elas agenciam as estruturas de poder e os estereótipos culturais. Para isso, realizou-se uma análise da construção da brasiliade mestiça e sensual – desde os relatos de Caminha e a ideia de Éden terreal, desembocando nas interpretações de Gilberto Freyre (2006 [1933]) sobre a democracia racial e a ideologia da mestiçagem – que foi posta em diálogo com os dados obtidos em campo através da observação e de entrevistas, revelando como aqueles agentes se apropriam e ressignificam aquelas construções em seu próprio benefício.

Palavras-chave: corporeidade; caça-gringas; turismo sexual; poder

¡Lo mejor de Brasil es el brasilero! Cuerpo, identidad, deseo y poder

Resumen: Este artículo describe intercambios afecivo-sexuales entre hombres *nativos/locales* de la Praia da Pipa, en Rio Grande do Norte, Brasil (llamados *caça-gringas*) y mujeres extranjeras de viaje turístico. A partir de analizar las marcas corporales y los sistemas de diferenciación en que están insertos, se reflexiona sobre cómo ellos y ellas agencian estructuras de poder y estereotipos culturales. Se efectúa un análisis de la construcción de la brasiliad mestiza y sensual –desde los relatos de Caminha y la idea de un Paraíso terrenal, hasta las interpretaciones de Gilberto Freyre (2006 [1933]) sobre la democracia racial y la ideología del mestizaje– en diálogo con los datos construidos a través de la observación y de entrevistas que revelan cómo dichos agentes se apropián y resignifican aquellas construcciones en su propio beneficio.

Palabras clave: corporalidad; *caça-gringas*; turismo sexual; poder

The best of Brazil is the Brazilian! Body, Identity, Desire and Power

Abstract: This article describes romantic/sexual exchanges between local men known as ‘gringa-hunters’ and foreign female tourists in Praia da Pipa’s (Kite Beach), Rio Grande do Norte, Brazil. Body markers and the systems of differentiation they are referenced upon are analyzed. An account is provided of how the men and women involved in these relationships manipulate power structures and cultural stereotypes. The discursive construction of a mixed-blood sensuous Brazilianness is tracked back in classical writings, from Caminha’s narrative of an Eden-on-earth, to Gilberto Freyre’s interpretations about racial democracy and the ideology of hybrid-making (*mestiçagem*). Those master narratives dialogue with field observation and interview data revealing how agents appropriate and provide their own meaning to those constructions.

Keywords: embodiment; *caça-gringas*; sexual tourism; power

Introdução

O adágio que serve de título para este artigo é um empréstimo de “segunda mão”, pois foi há alguns anos utilizado numa campanha da Associação Brasileira de Anunciantes, a partir de um jargão cunhado pelo potiguar Luís da Câmara Cascudo, que originalmente era: *O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro!*¹ Aqui, no entanto, esta expressão ganha outro sentido. Ela serve como mote para pensarmos a maneira pela qual a brasiliade foi historicamente construída, tendo como bases as noções de sensualidade e hipersexualidade, que foram de tal modo exploradas e propagandeadas a ponto de parte do fluxo de turistas (incluindo aí homens e mulheres), que aportam em nossas terras, vir em busca do lascivo tempero e do temperamento tropical de brasileiras e brasileiros.

1. Made In Brasil?

Desde os primeiros relatos descritivos de nossa nação e de nossa gente, frisaram-se duas coisas: a sua exuberância natural, destacando-se a fertilidade da terra, que em “tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”, conforme registrou Pero Vaz de Caminha; e a inocência, a beleza e a rusticidade do povo, o qual vivia de maneira livre, natural e que sem vergonha de suas vergonhas nem as cobria. Essas peculiaridades da população nativa brasileira também não passaram despercebidas pelo escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. A famosa Carta de Caminha² traz os seguintes apontamentos, respectivamente, referentes aos homens e às mulheres da Ilha de Vera Cruz:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem

1 Como afirma sua neta, Dhaliana Cascudo, em entrevista ao Portal de Turismo da Prefeitura Municipal do Natal. Acessar: <http://turismo.natal.rn.gov.br/atracoes/ctd-18.html>.

2 As citações da Carta de Caminha foram encontradas e retiradas do site <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>.

mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. [...] Na nau] estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas (Grifos meus).

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. [...] E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela (Grifos meus).

Percebe-se, nestes trechos, que Caminha atentara bastante para as marcas e as práticas corporais dos(as) nativos(as) brasileiros(as). Admirava a beleza daqueles corpos sadios, redondos, robustos, ornados por pinturas e penas, garbosos e desvergonhadamente expostos. Nos homens, ele ressalta que suas vergonhas não eram “fanadas”, quanto às mulheres, ele descreve, depois de demorada observação, que suas genitálias são altas, cerradas e “limpas das cabeleiras”, e que são mais graciosas que as das mulheres do reino. Obviamente, esses relatos estão carregados de juízos de valor e envolvidos pela ideia do bom selvagem, o que fica explícito por sua descrição como seres ingênuos, puros, sem maldade. Ademais, como afirma Darcy Ribeiro, os portugueses, ao verem tudo aquilo, estavam perplexos, pois aquele povo “era o que parecia ser uma humanidade edênica, anterior à que havia sido expulsa do Paraíso” (2006:40).

Todavia, a avidez portuguesa em espalhar e fomentar, através da disseminação da religião católica, a salvação daquela gente “boa e de bela simplicidade” subsumiu a ideia de um Éden terreal; os *brasilíndios* transformaram-se rapidamente em maus selvagens, pessoas sem moral nem crença. Ao mesmo tempo, contudo, os homens Del Rei foram se engracando mais e mais pelas índias e os enlaces interétnicos, consensuais ou não, tiveram início no Brasil, contrariando a moral sexual católica. Gilberto Freyre (2006), autor criticado por sua análise elitista da conformação social brasileira e por sua tentativa de minimizar os meios escrupulosos pelos quais se deu a miscigenação no Brasil, afirma, em *Casa-Grande & Senzala*, que a presença de “degradados” nas naus que partiam de Portugal era proposital, era uma estratégia da Coroa que visava ao povoamento.

A ermos tão mal povoados, salpicados, apenas, de gente branca, convinham superexcitados sexuais que aqui exercessem uma atividade genésica acima da comum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses políticos e econômicos de Portugal no Brasil.

Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria muitos europeus [...] Garanhões desbragados (Freyre, 2006[1933]:83).

Apesar de a análise freyriana estar repleta de clichês e caricaturas das etnias formadoras do que viria a ser a “brasilidade mestiça” e ser escrita a partir do olhar da “casa-grande”, ele destaca, ao longo de toda a sua obra, que era “natural” os invasores “surpreendidos por uma moral sexual tão diversa da sua concluírem [equivocada, ou mesmo, propositalmente] pela extrema luxúria dos indígenas”. O olhar etnocêntrico dos portugueses impediу-os de enxergar as peculiaridades da cultura dos brasilíndios, a qual prescindia das noções de “pecados da carne”. Ao contrário destes, os colonizadores, que se entregavam à volúpia e à poligamia, rompiam com os dogmas do catolicismo, eram eles que subvertiam as normas de sua sociedade. Assim Freyre arremata, concluindo que “dos dois povos, o conquistador talvez fosse o mais luxurioso” (2006[1933]:169).

O deslocamento da noção de “perversão sexual” para os colonos é importante, pois nos permite perceber a manipulação feita por eles quanto à construção estratégica do estereótipo de lubricidade atribuído aos indígenas e posteriormente aos escravos vindos de África. Assim como as doenças trazidas pelos invasores europeus (a exemplo da sífilis), as ideias sobre uma sexualidade disparatada e uma lascívia inata foram também produções de além-mar, posteriormente enquadradas como típicas dos trópicos.

No Brasil, um segundo elemento, este de origem africana, foi também tachado pela moral europeia como hipersexualizado e degenerado. Desconsiderando a sua condição de escravidão e os abusos cometidos pelos senhores-de-engenho, costumou-se rotular a “raça” negra, principalmente as mulheres, como propensa à libertinagem, devido aos seus “primitivismo” e “bestialidade”. Contudo, outra vez, o controverso Gilberto Freyre – que, segundo Durval Muniz Albuquerque Júnior, chegou “a endossar a ideia, que atribui a alguns sociólogos, de que a raça negra é a raça-mulher. Uma raça afetiva, sentimental, pouco racional, passiva, masoquista [...]” (2003:36) – pondera argumentando que não foi a negra quem “corrompeu” a vida sexual da sociedade brasileira; tal corrupção dera-se pela escrava, ou seja, quando “não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia” (Freyre, 2006 [1933]:398).

Não era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a ‘raça inferior’ a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra. Abuso que implicava conformar-se a servil com os apetites da toda-poderosa (Freyre, 2006[1933]:402).

O responsável pela atmosfera de “intoxicação sexual” do período colonial brasileiro, conforme este mesmo sociólogo, era o sistema socioeconômico de base escravista, noutras palavras, seu motivador era o fato social e não o étnico.

O que se busca destacar aqui, distanciando-se das formulações freyrianas amplamente questionadas da democracia racial e da ideologia da mestiçagem,³ é que este autor, através de sua análise sobre a formação da família brasileira submetida ao regime de economia patriarcal-escravocrata, nos dá base para a reflexão de dois mitos que povoam as representações da brasiliade: o da voluptuosidade dos trópicos e o referente à hipersexualidade da negritude/morenidade.

É o fruto do intercurso entre o senhor-de-engenho branco, de ascendência europeia, e a escrava africana, que se torna o símbolo da brasiliade mestiça e o ícone da sensualidade tropical. A mulher mulata⁴ é construída como a “preferência nacional”⁵ a partir do século XVIII, segundo Freyre (2006[1933]), e desde então é constantemente atualizada através de uma série de imagens, que destacam sua calidez, seu charme e seu corpo, como a mulher ideal, tornando-se inclusive um dos grandes produtos de exportação do Brasil, divulgada por inúmeras expressões artísticas.

As imagens icônicas brasileiras são em geral caracterizadas pela presença de personagens negros e/ou mestiços, fortes e belos, que são favorecidos pela liberdade de uma terra tropical, paradisíaca. Esses estereótipos continuam uma representação constante em manifestações artísticas que tratam de uma identidade brasileira, principalmente através da literatura, da música e do cinema (Corrêa, 2008:03).

Na pintura, temos as obras de Di Cavalcanti com suas mulatas inseridas nas representações das periferias urbanas (as favelas) e Tarsila do Amaral com suas

3 Para uma análise crítica das teorias de Gilberto Freyre, ver: *A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo*, de Sérgio Costa (2001).

4 Para maiores informações, ver o artigo de Mariza Corrêa (1996), intitulado “Sobre a Invenção da Mulata”.

5 “Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar’; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata” (Freyre, 2006[1933]:72). No entanto, no início do século XX, após uma série de mudanças sociais como o fim da escravidão, a proclamação da República, o câmbio nas representações da masculinidade e da feminilidade, entre outras, ocorreu uma temporária inversão das preferências sexuais. A mulher branca e estrangeira, imigrante de países europeus, como a Polônia, tornou-se a mais valorizada no mercado de sexo (Albuquerque Júnior, 2003). A chegada dessas coquetes, contudo, não foi suficiente para destituir por completo a mulata de sua primazia no “gosto” masculino.

negras amas de leite;⁶ na música, fortes disseminadores da beleza e da sensualidade mulata foram/são o samba e as marchinhas de carnaval, além da caricata personagem vivenciada por Carmem Miranda, que explícitava e alegoricamente incorporava os clichês e os estereótipos ligados à tropicalidade, e da *Garota de Ipanema*, sucesso internacional da Bossa Nova, que descreve uma mulher de corpo dourado cujo “balançado é mais que um poema”. Contemporaneamente, os principais divulgadores da sexualidade e das peculiaridades afetivas do povo brasileiro, mas ainda com destaque para a mulher mulata/negra, são a Axé Music e o Funk Carioca.

A literatura brasileira, por sua vez, não hesitou em promover as qualidades e os atributos do corpo feminino marcado pela “cor do pecado”.⁷ Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais traduzidos, abusou das referências à mulata bela, lasciva e fogosa. Tieta, Gabriela e Dona Flor são apenas algumas de suas personagens caracterizadas pela sensualidade.

O próprio Estado brasileiro, por sua vez, a partir da década de 1960, via o Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur, para atrair turistas estrangeiros, utilizou-se de um discurso repleto de exotismo sobre nossa cultura e as imagens eróticas das mulheres inseridas em paisagens que remetiam a representações de uma vida imbricada ao ritmo da natureza, visando à consolidação – à época – da nascente “indústria” do turismo *tupiniquim*. Esta estratégia de marketing turístico foi mantida até meados da última década do século XX, tendo como principais públicos-alvos a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

O Rio de Janeiro e as praias do litoral nordestino eram os principais destinos brasileiros, consequentemente, os principais cenários vendidos sob a fórmula sol-praia-mulheres. Segundo Louise Prado Alfonso, em todo o material publicitário da Embratur, no ano de 1973, “a imagem da mulher é relacionada tanto às praias quanto às manifestações culturais, mas principalmente ao Carnaval” (2006:87).

Percebemos, dessa forma, que as construções estrangeiras relativas ao corpo e à sexualidade do povo brasileiro foram reproduzidas pelos agentes de nossa própria sociedade, incluindo também órgãos vinculados ao Estado. As campanhas da Embratur embasaram-se por muito tempo nas representações da brasiliade disseminadas pela música e pela literatura, bem como nas teorias freyrianas da democracia racial e da ideologia da mestiçagem.

6 Conforme Freyre: “Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas” (2006[1933]:367).

7 Referência ao samba-choro *Da cor do pecado*, de Bororó, de 1939: “Esse corpo moreno / cheiroso, gostoso / que você tem / é um corpo delgado / da cor do pecado / que faz tão bem...”.

Conforme a descrição do Brasil retirada da própria Revista da Embratur [edição de 1987...], a ideia era exibir um país de cores, sabores e paisagens, um país continental, tropical, exótico, hospitaleiro, unido, formado por várias raças e culturas e repleto de mulheres sensuais. Um Brasil muito parecido com aquele idealizado por Gilberto Freyre na década de [19]30 (Alfonso, 2006:105).

Com tamanha dedicação e com tantas fontes divulgadoras locais distintas, não foi difícil confirmar e disseminar a imagem de uma brasiliade lasciva, receptiva e mestiça, cujos primórdios remetiam ao período colonial, fortemente assinalado pelo olhar etnocêntrico da Metrópole. Dessa forma, o Brasil, a partir dos anos de 1970, ganha notoriedade internacional como o país do futebol, do samba, do carnaval e da mulher sedutora e impetuosa. Um dos seus corolários foi o deslocamento de muitos turistas vindos de diversos países, como Espanha, Portugal, Alemanha e Itália, para o Brasil em busca da exótica e “autêntica” feminilidade, desejando descobrir de perto o que a brasileira tem para ser considerada a paixão e a maior atração nacional.⁸ Assim, a partir da publicidade feita pelo próprio Estado, é impulsionado o turismo sexual que, atualmente, tanto incomoda e preocupa as instituições públicas e privadas que se dedicam ao fomento da “indústria” turística nacional.

Todavia, a população não assiste a tudo isso de maneira passiva. Taticamente, ela ora recusa, ora investe nesses clichês. Como argumenta Richard Parker,

Embora originada, naturalmente, de fora, nos olhos do europeu tentando distinguir-se a si próprio de um outro estranho e amedrontador, essa visão altamente ambivalente do Brasil exerceu uma profunda influência sobre os brasileiros nas suas tentativas de distinguir-se a si próprios do europeu e do norte-americano [...] Entretanto, se a visão do forasteiro foi reproduzida e apropriada pelos brasileiros, ela foi articulada, lado a lado, a um conjunto de outros contos adicionais – contos que tanto aprofundaram como alargaram sua constelação de significados (2000:33).

Assim, presenciamos algumas mulheres – um dos principais símbolos do marketing turístico internacional brasileiro – que se encontram em grande parte inseridas em contextos de mercado de sexo, assumirem conscientemente os estereótipos fabricados ao longo dos séculos relativos à sensualidade dos trópicos e à voluptuosidade e calidez que “marcam” a identidade brasileira (cf. Piscitelli, 2000, 2001).

⁸ Alfonso (2006) constata que a revista *Rio, Samba e Carnaval*, que até a década de 1980 era usada pela Embratur como veículo de promoção, usava o slogan: *Mulher, a maior atração*.

Contemporaneamente, visualizamos ainda a emergência de outros atores no sexo transacional brasileiro: alguns jovens homens, que residem em badalados destinos turísticos, com destaque para pequenas localidades da costa do Nordeste,⁹ como a Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte,¹⁰ têm incorporado de forma ativa e consciente os atributos historicamente despejados sobre a mulher brasileira (sensualidade e calidez, por exemplo), visando tirar vantagens para si em face do crescente fluxo de turistas que viajam sem a companhia de homens, as quais, por seu turno, a partir de algumas reformulações simbólicas, deslocam e direcionam os estereótipos da brasiliade para os homens locais.¹¹ Apoiando-se nos mesmos mitos que fabricaram e disseminaram a fama da mulata brasileira, inúmeras turistas estrangeiras vêm ao país em busca da possibilidade de interação com a “autêntica” masculinidade dos trópicos: viril, disponível, hipersexualizada, envolvente, “bem-dotada”, afetiva e marcada pela “cor do pecado”. Trata-se da mutação do homem brasileiro em atrativo turístico, o que, para muitas das turistas estrangeiras que visitam Pipa, finda por ser também o melhor “produto” do Brasil.

Ao longo deste artigo, veremos como esses agentes em interação ressignificam as imagens essencializantes impostas às suas culturas e apropriam-se delas. Em adição, e enfatizando o caráter relacional das identidades em jogo, analisare-

9 Segundo Albuquerque Júnior (2003), devido ao ambiente hostil e seco da região Nordeste brasileira, as representações das masculinidades locais foram hiperbolizadas, pois apenas homens machos, viris e músculos poderiam enfrentar a aspereza e a aridez do meio. Não obstante, o autor desvenda-nos como o Nordestino, o “macho por excelência”, foi construído como um tipo regional ideal, recentemente, a partir da década de 1930, com influência direta do Movimento Regionalista, que tinha Gilberto Freyre como um dos seus idealizadores. Para esse movimento, o Nordestino era o mais brasileiro dentre os brasileiros, pois à “medida em que, desde o século anterior, a imigração estrangeira vinha modificando profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste vinha a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade” (Albuquerque, 2003:154).

10 Há relatos informais de que o mesmo fenômeno se dá em locais como Canoa Quebrada e Jericoacoara, no Ceará; Morro de São Paulo, na Bahia; Olinda, em Pernambuco, entre outros. Todos conhecidos como rota de turismo alternativo.

11 Apesar dessa transposição dos marcadores identitários, a base sobre a qual se assenta essa idealização do homem brasileiro continua a ser a representação de uma volúpia natural do habitante dos trópicos e de uma hipersensualidade do indivíduo negro/mulato. Mantém-se a nacionalização e a racialização da sexualidade, invertendo-se apenas os elementos do gênero. Laura Moutinho (2004:25), uma das poucas pesquisadoras a se debruçar sobre essas “anônimas” parcerias inter-raciais, faz uma rica análise sobre como os “estereótipos ‘raciais’ atuam em novas hierarquias de gênero e erotismo”, tomado como elemento de investigação a preponderância dos casais inter-raciais formados por um homem “negro” e por uma mulher “branca”, que foram durante muito tempo ofuscados pelo par miscigenador formado pelo homem “branco” e pela mulher “negra”, mas que atualmente encabeçam o processo de mistura em nosso país.

mos as representações discursivas que uns fazem sobre os outros a partir de suas marcas e práticas corporais, e como estas informam sobre questões de classe, sexualidade, nacionalidade e representações de gênero e interseccionam-se com elas.

A inserção no campo proporcionou-nos perceber de que formas o corpo pode ser usado como mecanismo de construção de fronteiras, localizando identidades e assinalando diferenças, seja por meio de suas marcas, seja por suas práticas. De outro modo, o corpo, que não é vítima inescapável dos ditames dos processos biológicos, é construído, classificado e significado de maneiras distintas, de acordo com cada cultura e, entre outras coisas, seus referenciais estéticos (apesar do processo de padronização provocado pela mídia). O fato é que o corpo pode ser fonte de *status* ou depreciação, pode facilitar ou negar aos sujeitos o acesso a determinados ambientes ou círculos sociais. Porém, quando distintos estilos de corpo entram em contato, fazendo ressaltar suas diferenças, os sujeitos, contrariando aqueles que apostariam num distanciamento e numa evitação com base em medidas discriminatórias, podem se sentir atraídos e impelidos a empreender trocas.

Isto é um pouco o que ocorre em Pipa. A antiga vila de pescadores/agricultores, que recebe milhares de turistas todos os anos, é palco de uma série de intercâmbios culturais que se dão entre visitantes e visitados. Essas trocas não se limitam à relação cliente-prestador de serviços, elas transpassam outras redes de sociabilidade, destacando-se os roteiros afetivo-sexuais. Todavia, essas relações íntimas envolvem apenas alguns(mas) autóctones e alguns(mas) turistas, tendo em vista, entre outros fatores, a arquitetura de seus corpos e os símbolos que eles carregam.

As formas, como os corpos desses homens e dessas mulheres, apresentam-se nos ambientes de interação e trazem elementos que informam sobre o capital simbólico que eles representam e carregam como parte de seu arsenal cultural. Dessa maneira, analisaremos o corpo orientados pelo conceito de corporeidade trazido por Sylvie Fougeray (1997:295), que se refere à “dimensão social e cultural do corpo”, sendo ele uma elaboração coletiva e “o produto específico de um grupo”, e servindo “para cada unidade social [como] um enraizamento físico próprio a ela”. David Le Breton, autor que se dedica a uma exegese socioantropológica do corpo, afirma que:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção de aparência, jogos sutis de sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (2007:07).

Esta interpretação sugere muito mais que materialidade dos corpos, indica um

corpo que pode ser utilizado como veículo de percepção das relações sociais, um complexo que envolve *habitus*¹² (Bourdieu, 1983), afetos, motivações, biografias e vivências. Além disso, propomo-nos a analisar a praia como espaço de construção e exibição desses corpos que obedecem a um determinado modelo, condizendo com os mecanismos pelos quais é configurado o *ethos* praieiro.

2. O corpo da caça e “do caça”

Por todo lado que ando em Pipa parece que me deparo com um desfile de corpos. Entre os modelos estão seus (suas) moradores(as) e os(as) turistas. Dessa forma, vislumbram-se vários referenciais estéticos. Brancos(as), pretos(as), morenos(as) e várias outras tonalidades vagueiam lado a lado e se misturam, formando uma paisagem multicolor. Cabelos, curvas, cor dos olhos, cor da pele, músculos, volumes, enfim, o corpo todo se apresenta como um arsenal de símbolos e significados, sendo que é no contraste que eles parecem ser valorizados. É o corpo também que serve de comunicador. Para além das informações que ele emana através de suas marcas, o corpo repara, muitas vezes, as deficiências da comunicação oral. Num local em que várias línguas se cruzam, o corpo é a garantia do entendimento. Inúmeras vezes tenho presenciado as pessoas se comunicando através de mímicas e gestos. Segundo os interlocutores, o corpo e sua forma de se apresentar podem informar até a nacionalidade da pessoa. Depois de algumas semanas aqui, tenho conseguido também reconhecer esses traços distintivos. Nesse verão, a quantidade de *gring@s* em Pipa está muito grande. Quando eu vinha de Natal, subiram uns cinco no ônibus. Na noite é a mesma coisa. Pra onde quer que você olhe tem sempre um grupo de *gring@s* conversando isoladamente ou já interagindo com a população local. Essas interações envolvem também a paquera, e o corpo “trabalhado” é a ferramenta da conquista, ele e a roupa adequada para a ocasião do flerte. Essa noite está muito agitada. Vai rolar um samba no Farol e já tem gente embriagada. De onde estou posso ver Jorge e um amigo que está sempre com ele, ultimamente. Esse cara está completamente bêbado. Ele encarnou num grupo de *gringas* e ficou tentando forçar a barra para conseguir um beijo: falou perto do ouvido, gesticulou sensualmente com a mão no rosto, fez movimentos de

12 Conceito usado aqui como formulado por Bourdieu, em que “habitus” se configura como “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...]” (1983:65). Ainda para ele, “habitus é também adaptação, que realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (1983:106).

surf para impressioná-las, mas nada conseguiu. Vejo também Bento, o *cara* já está com um grupo de *gringos*, eram cinco mulheres e um homem, com uma delas ele já estava *ficando*. Ela é baixinha, cabelos negros, aparenta ser argentina (não consegui ouvi-la falar), mas parece ter mais de 30 anos. No Farol, mulheres desacompanhadas eram a maioria, dessa forma, havia também alguns homens chegando junto. Bento é um deles. Estava com sua *gringa*, beijou-a, abraçou-a e, como se sentisse um calor desesperador, tirou a camisa. Desfilou seu corpo pela rua, fez força para mostrar os músculos do tórax, jogou charme para outras mesas, brincou com outras *gring@s*. Talvez esta seja uma tática para ter outra mulher na mira quando essa se for. Bem, no meio do salão havia dois outros *nativos*, um bem negro e outro moreno – creio estarem bêbados – que dançavam e estimulavam uns(umas) *gring@s* a dançarem imitando seus passos. A atenção desses indivíduos era tudo o que eles queriam; assim, sambavam com passos difíceis, giravam, faziam caras e bocas, tentavam ensiná-los, tocavam-nos. Os(as) *gring@s* entraram na brincadeira, riam, batiam palmas, dançavam no meio de uma roda, levaram na esportiva. E, assim, sem falar, entendiam-se

(Notas de Diário de Campo – 09/01/2008).

O grupo que constitui os principais interlocutores desta pesquisa¹³ é popularmente chamado de *caça-gringas*.¹⁴ Trata-se de uma categoria êmica constituída por homens entre 22 e 31 anos de idade, que residem na Praia da Pipa e mantêm/privilegiam relacionamentos afetivo-sexuais com turistas estrangeiras, estimulados por razões materiais e simbólicas.¹⁵ Entre eles estão os *nativos* e os *locais*;¹⁶ os primeiros são aqueles que nasceram e cresceram na praia, os segundos são os adventícios que residem na praia há pelo menos cinco anos, de acordo com os próprios entrevistados.

A grande parte dos *caça-gringas*, assim como a maioria dos jovens que vivem em Pipa, trabalha ou já trabalhou em empresas ligadas à atividade turística, como hotéis, pousadas, bares, restaurantes, barracas de praia e escolas de surf.

¹³ A pesquisa referida foi a base de minha dissertação de mestrado. Ela foi feita durante os anos de 2007 e 2009, sendo que dos 13 interlocutores envolvidos, 10 eram *caça-gringas* e três eram viajantes estrangeiras, que mantiveram algum tipo de relação afetivo-sexual com esses homens.

¹⁴ Esta é a razão do uso no título da expressão corpo “*do caça*”.

¹⁵ Os relacionamentos afetivo-sexuais que eles costumam estabelecer com as mulheres podem ser classificados, como posto acima, em sua grande maioria, como transacionais, pois prescindem da ideia de preço, mas não de valor, e acumula elementos de um sistema troca-dádiva, em que demonstrações de afeto e práticas sexuais são veladamente cambiadas por regalos, passeios, refeições etc.

¹⁶ Ambos também categorias êmicas.

Óia, os jovens, a maioria trabalha em garçom, vendedor. [Em hotel também?] Hotéis, zelador, jardineiro, esses subempregos. [Muito envolvido com o turismo.] É. (Naná, 25, repórter comunitária e monitora de informática, pernambucana).

A população jovem que reside nessa praia, segundo Naná, é assídua freqüentadora da noite pipense. Em tom de lamento e de certa indignação, ela relata que os jovens de Pipa, devido ao grande fluxo turístico, costumam sair e gastar bastante: “es ficam sempre viajando que vem muita gente, num sei o quê. Aí tem gente que sai toda noite, toda noite, gasta todo o dinheiro que recebe, tudinho, de noite, num sei o quê. Pra arrumar mulher, farra, num sei o quê. [Pra arrumar mulher, é?] É. Ou homem”.

Apesar de o relato revelar que em Pipa os jovens levam uma vida boêmia, a sua condição financeira aponta para uma conformação de classe pouco privilegiada. Embora a chegada do turismo tenha implicado certa quantidade de empregos, a população local não tem muito acesso a suas receitas e, em geral, enquadra-se na condição de classe média baixa. Como vimos acima, a comunidade tende a se ocupar dos cargos de menor remuneração nos estabelecimentos turísticos – esses subempregos, como colocou Naná.

Os *caça-gringas* não fogem a essa regra. Ainda que nenhum deles se encontre em situação de pobreza, seus ganhos são limitados,¹⁷ girando entre R\$ 500 e R\$ 1.800. Suas rendas oscilam de acordo com a sazonalidade do fluxo turístico e eles não possuem estabilidade em seus empregos. A informalidade também tem presença marcante nesta praia, não é raro entre os *caça-gringas* o trabalho sem carteira assinada ou autônomo, sendo que, diante dos cargos disponíveis nos equipamentos hoteleiros, eles preferem aqueles.

Sandro (26), que trabalha como instrutor de surf, explica: “A galera que trabalha na praia é que ganha bem. Apesar do sol, trabalha pouco e ganha bem. A galera de hotelaria paga mal e trabalha muito. Às vezes trabalha-se por três meses pra ganhar o que se ganha aqui na praia em um”. De fato, enquanto na função de recepcionista (função esta que no âmbito da hotelaria é até valorizada) o indivíduo ganha em torno de R\$ 500 a R\$ 700 por mês, aqueles que trabalham como ins-

17 Apesar de em face da realidade socioeconômica brasileira uma renda de R\$ 1.800 ser considerada boa, o custo de vida em Pipa é muito elevado, consequência direta da presença dos turistas e da circulação de moedas estrangeiras. Além disso, esses salários não são suficientes para custear o ostentoso estilo de vida que os *caça-gringas* levam, pois, como disse Naná, eles costumam sair toda noite. Tal contexto assemelha-se bastante ao descrito por Klaus de Albuquerque em relação aos beach boys de Barbados, que usualmente gastam seu dinheiro com “the latest clothes and shoes fashions, jewelery, meals and drinks at beach/restaurants catering to tourists, and almost nightly entertainment” (1999:97).

trutor de surf ou bugueiro, na alta estação (entre dezembro e março e entre julho e setembro), chegam a faturar de R\$ 1.600 a R\$ 1.800.

Todos eles, entretanto, em seus ambientes de trabalho, lidam diretamente com os(as) turistas. Esse contato diário com pessoas de uma ampla gama de regiões e nacionalidades permite a alguns deles identificarem facilmente a origem desses visitantes e a aprenderem o básico de certas línguas. Um dos interlocutores afirma:

Eu, como já trabalhei muito tempo com turismo, eu já sei... antes da pessoa dizer qualquer palavra... eu já sei definir mais ou menos de onde elas são. [E tu se comunica geralmente com elas em inglês ou na língua que elas falam?] Depende, se for italiana, eu falo italiano, se for espanhola, eu falo espanhol, agora se for inglesa ou holandesa, eu falo em inglês. Se for sueco, eu falo sueco. [Massa! E sueco tu aprendeu onde?] Eu aprendi com minha ex-namorada... uma dessas aí... não uma, duas [risos] (Bento, 24, fotógrafo).

Apesar de não ter informado como faz para identificar a nacionalidade de uma pessoa antes mesmo de conversar com ela, Bento deixa explícito que é possível a identificação dos(as) turistas pela forma com que o corpo se apresenta, isto é, observando o corpo como elemento de distinção, insígnia através da qual pode – a partir de suas vivências específicas e dos inúmeros contatos com esses corpos do “outro” territorializados por marcas corporais peculiares – se guiar para a aproximação. Este tipo de mecanismo sacado astuciosamente conflui para o que Marcel Mauss (2003) chama de as “técnicas do corpo”, que são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003:401).

Tendo como base a premissa maussiana de que a cultura influencia o modo como os corpos aparecem, temos que tanto os(as) estrangeiros(as) como os(as) brasileiros(as) podem ser identificados por suas técnicas corporais, afinal, conforme diz Le Breton (2007), o corpo funciona como um tradutor de sistemas simbólicos. A partir da observação participante que realizamos durante três meses¹⁸ e através do tratamento de alguns relatos de interlocutores, foi possível formular esquemas que revelam como são executadas as práticas e as técnicas corporais que promovem a concretização desses relacionamentos binacionais, correntes em Pipa, além de como elas são significadas pelos agentes em interação.

Os *caça-gringas*, de maneira geral, são homens de peles escuras, quando não são negros – aqui considerando negro como os pretos e os pardos, seguindo a

¹⁸ Esses três meses não foram contínuos: em julho de 2007, passei 15 dias em Pipa, voltei no final de dezembro de 2007 e fiquei até o início de março de 2008; retornei novamente em julho de 2008, permanecendo apenas 10 dias.

classificação adotada pelo IBGE no Censo 2000¹⁹ – ostentam um corpo bronzeado, coerente com o contexto de praia no qual estão inseridos. Além disso, possuem corpos “trabalhados”/“construídos” por práticas quase unicamente executadas no espaço da praia, através de esportes como o surf, os treinos de capoeira e *muai-thai* feitos na beira-mar, *cooper*, frescobol, *beach-soccer*, *body-boarding*, natação, abdominais e flexões (conhecidas como “marinheiro”), bem como por meio dos exercícios em aparelhos, como barra e traves, que se encontram em algumas praias.

Autores como Mirian Goldenberg e Marcelo Ramos (2002) e Patrícia Farias (2002) consideram, respectivamente, que o *corpo sarado* e o corpo bronzeado remetem a uma ideia de corpo saudável e belo,²⁰ tomando por parâmetro a sociedade brasileira. Esses ideais corpóreos nacionais são amplamente disseminados pelos veículos midiáticos, com destaque para a televisão, e são exemplos da marcação social e cultural a que o corpo está passível de ser alvo. Esses padrões definem as normas para a exposição do corpo, às quais homens e mulheres devem estar atentos.

Essas ênfase e importância relegada ao corpo são o resultado do que Goldenberg e Ramos (2002) chamam de “ideologia do *body building*”. Diante do enfraquecimento de meios mais tradicionais de produção de identidade, como o trabalho, a igreja e a família, o corpo transforma-se no principal meio de representação do eu (*self*). Em Pipa, essas instituições começaram a ter suas representatividades diminuídas com o advento do turismo. Contudo, apenas aparentemente está havendo um afrouxamento moral, devido a essa “redescoberta” do corpo. Ocorre que os signos foram invertidos, criando uma “nova moralidade” ligada ao padrão da “boa forma”. A liberação dos corpos exige dos sujeitos um maior autocontrole de sua aparência física (Goldenberg & Ramos, 2002). Daí a preocupação dos sujeitos com a apresentação de seus corpos e com o olhar dos outros sobre eles, pois funcionam como vivos cartões de visita.

[...] o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício narcísico e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele

19 Acessar: www.ibge.gov.br/censo.

20 “É interessante pensar na relação entre o corpo ‘sarado’ (que associado à doença, é utilizado para aquele que está curado ou sarou de seus males) e o corpo ‘saudável’. O horror atual à gordura pode ser relacionado ao temor à doença [...] A busca por um corpo ‘sarado’ funciona, para os adeptos do atual culto à beleza e à ‘boa forma’, como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos” (Goldenberg & Ramos, 2002:31).

que são estabelecidos os julgamentos dos outros (Le Breton, 2007:78).

As práticas corporais dos *caça-gringas* revelam um constante e cuidadoso trabalho estético que visa adequar seus corpos aos padrões hegemônicos (leia-se “globais”²¹) brasileiros conhecidos mundialmente. O corpo em forma e bronzeado é uma virtude, bem como símbolo da divulgada “brasiliidade”. Alguns *caça-gringas* ainda investem sobre seus corpos outros marcadores distintivos,²² como a raspagem dos pelos do peito e da barriga e inscrições tegumentares na forma de tatuagens definitivas.

Fabiano Gontijo (2002:52) afirma ser a “praia o lugar ritual da atividade de bronzeamento da pele”, tornando-se um “sinal positivo de distinção social” e de pertencimento ou afinidade com o local. Gontijo (2002), no entanto, enfatiza que a praia²³ é mais um local de exibição do que de construção corporal e aponta as academias de ginástica e musculação como os lugares, por excelência, para a construção cultural do corpo no cenário brasileiro. Ao contrário, na nossa experiência etnográfica, a praia é local tanto de construção quanto de exibição desse corpo, sendo que em muitos momentos essas atividades ocorrem simultaneamente, dificultando sua distinção.

Muitos dos *caça-gringas* trabalham na praia ou a frequentam diariamente (com destaque para a Praia do Madeiro), e lá é o ambiente privilegiado para o desfile de seus corpos. Como a demanda por serviços neste espaço é pouco – como colocou Sandro (26, instrutor de surf) – mesmo quem está a trabalho pode desfrutar da observação das mulheres, avaliar seus atributos físicos e se fazer notar. Na barraca da escola de surf, onde se encontravam vários de nossos interlocutores, era comum vê-los surfando, jogando futevôlei ou fazendo acrobacias próprias da capoeira, esportes que lhes garantiam, além da manufatura de seus corpos, os olhares de muitas turistas.

Em adição a isso, eles costumam falar alto, gesticular excessivamente, rir de forma estridente e mostram-se articulados com outros frequentadores da praia, tudo isso para atrair a atenção de possíveis parceiras. Essas práticas corporais alçadas como táticas de sedução tendem a surtir efeito, pois é nesse ambiente que se dá boa parte das interações iniciais e dos primeiros flertes. Como argumenta Le Breton, a “ação da aparência corporal coloca o ator sob o olhar apreciativo do

21 Aqui me refiro à emissora de televisão Globo e aos padrões de beleza divulgados por suas telenovelas.

22 “Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, elas são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação” (Le Breton, 2007:59).

23 O autor centra-se nas praias cariocas.

outro [...]” (2007:78).

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo etc., quer dizer, a maneira quotidiana de se apresentar socialmente conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença (Le Breton, 2007:77).

A performatização dos modos de se apresentar dos *caça-gringas* inclui ainda a exibição de algumas joias (a exemplo dos colares e das pulseiras de ouro e prata), dorsos descobertos, bermudas de surf levemente folgadas deixando à mostra um pouco da cueca/sunga e das cavas do abdômen, postura ereta e certa mescla de autoconfiança e esnobismo, uma *bossa* que só eles têm.

Assim, esses atores paulatinamente passam a usufruir de seus corpos como elementos demarcadores de identidade e de *status* – o “corpo-medalha”, de que falam Goldenberg e Ramos (2002). Interessados nas interpretações feitas pelos outros, principalmente pelas turistas estrangeiras, os *caça-gringas* pavoneiam seus corpos seminus não só pelas praias, mas também pelas ruas de Pipa, seja dia, seja noite, faça chuva ou faça sol.

Esta foi uma evidência que me incomodou por um bom tempo. Não compreendia a exibição pública daqueles corpos. Apesar de entender que é comum os homens andarem sem camisa pela praia ou pelas ruas do distrito durante a manhã e a tarde, sentia-me inquieto com aqueles dorsos nus durante a noite, quando, por costume e mesmo como proteção aos ventos, as pessoas tendem a colocar uma roupa que as cubra mais.

Certa noite, por exemplo, minha companheira e eu estávamos andando pela rua central quando vimos alguns amigos meus, naturais da Pipa, sentados na calçada do *Iá Batata*, então, resolvemos ficar por ali e conversar um pouco. Enquanto a turma bebia um vinho, vi Renan (25, recepcionista) aproximar-se. Ele era o único entre nós que fazia sucesso com *gringas*, sendo seu histórico já bastante extenso: “Já fiquei com argentina, uruguai, espanhola, portuguesa... Não, portuguesa é muito cabeluda [falando dos pelos pubianos]. Mas holandesa, sueca, inglesa, norueguesa... Acho que aqui na Pipa, dessas mulheres eu só não fiquei com japonesa” (*risadas*). Após ter papeado um pouco conosco, Renan partiu em direção ao *Tribus*, um dos principais bares da praia, onde se encontravam vários turistas e muitas estrangeiras. No meio do caminho, percebeu que estava com uma roupa inapropriada, então se vestiu melhor, despindo-se, isto é, com o dorso à mostra, ele parecia estar mais condizente com seu objetivo: atrair os olhares femininos.

Entretanto, seu corpo não estava de fato nu, pois, como afirma Courtine, “um corpo de homem, se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu”

(1995:96 *apud* Goldenberg & Ramos, 2002:29), o que explica seu conforto mesmo sem camisa. Os corpos dos *caça-gringas* estão cobertos por músculos e pelo bronze, estão protegidos por signos distintivos que lhes dão um valor superior. Eu, por outro lado, caso me livrasse das roupas, revelaria apenas a indecência de um corpo fora de forma; isto justifica meu estranhamento inicial.

Por sua vez, os corpos e as práticas corporais das *gringas*, que fazem parte desse mercado de sexo, informam sobre sua origem muito mais do que suas roupas. Ao contrário dos estereótipos ainda vistos em panfletos, cartazes e *outdoors*, os(as) turistas, de uma forma geral, cada vez menos se vestem com camisas e *shorts* floridos e excessivamente coloridos, isto é, de maneira destoante da população que vive no local que visitam. Isto se torna mais evidente entre as mulheres. Elas, com exceção das mais velhas, não costumam mais usar biquínis cujos tamanhos fujam aos padrões brasileiros. Há, de certa maneira, uma tendência a se disfarçarem ou a se camuflarem entre os *nativos*. Esse mimetismo pode revelar uma tática, nos termos de De Certeau (2007), em resposta às constantes explorações que sofriam, principalmente por parte de comerciantes, e como uma tentativa de se tornarem mais atraentes aos olhares *nativos*.

Apesar dessa tentativa de aproximação com os padrões estéticos brasileiros,²⁴ elas não podem se livrar de suas marcas corporais, que são exatamente os elementos que as tornam atrativas aos *caça-gringas*, os quais, guiados por um padrão de beleza hegemônico *hollywoodiano*, evitam aqueles elementos que remetem à brasiliidade, como a pele morena e os cabelos escuros e crespos.

Essas turistas, ao contrário do que se possa pensar, estão geralmente na mesma faixa etária de seus parceiros, isto é, entre 18 e 42 anos. São oriundas de famílias de classe média alta, estudam em universidades e/ou são profissionais liberais bem-sucedidas. Além disso, elas costumam viajar em pares ou grupos, sem a presença de homens.²⁵ Apesar de a maioria delas, segundo os próprios *caça-gringas*, ser branca, loura e de olhos azuis, as três estrangeiras que entrevistamos não correspondem precisamente a estes padrões, pois todas tinham cabelos em tons escuros, olhos acastanhados e peles de cor clara, mas não o suficiente para serem chamadas de brancas.

A praia mais uma vez surge como espaço de construção e exibição dos corpos, já que o ato do bronzeamento guarda em si uma estratégia de ostentação dos

24 Para entender do que estou falando, basta lembrar-se dos seriados estadunidenses como *S.O.S Malibu* e *Baywatch*.

25 Esse é um dos indícios emicamente utilizados para especular sobre turistas que realizam viagens motivadas por fatores afetivo-sexuais (cf. Piscitelli, 2001).

atributos físicos, para não falar da prática do *topless*. Na rua, de outro modo, as *gringas* costumam mostrar a *boa forma* de seus corpos através de roupas bastante decotadas, que realçam seus seios, a barriga sarada e as pernas, além de, obviamente, apresentarem o bronze adquirido. Na boate e nos bares em que rolam discotecagens (cujos principais estilos musicais são o *hip-hop*, o *reggaeton* e o *techno*), para chamar a atenção dos olhares masculinos, elas dançam provocativamente aos pares, satirizando a noção de que apenas as brasileiras são sensuais.

3. Da territorialização das praias à territorialidade dos corpos

A dialógica entre público e privado que as práticas corporais e a exposição desses corpos construídos recriam não é o único fato que nos chamou a atenção durante a pesquisa etnográfica. Ficou evidente também que em Pipa existe uma territorialização de suas praias.

A praia de Pipa, ou melhor, o distrito de Pipa é dividido em algumas praias. Além daquela divisão apresentada no capítulo anterior, existe ainda uma demarcação geográfica baseada nos pontos ideais para a prática do surf: o Lajão, o Abacateiro, os Afogados, a Lajinha são os mais conhecidos.

Entretanto, dentre suas diversas praias, as que são mais frequentadas são a Praia do Madeiro, a Praia da Frente e a Praia do Amor, pois são elas que dispõem também de barracas, bares e restaurantes e de outros serviços avulsos, referentes à venda de protetores e bronzeadores, ostras, pipas, cangas, enfim, toda aquela parafernália comum ao comércio à beira-mar. Entre elas, todavia, ocorre uma nítida segmentação: a praia da Pipa é, por excelência, a praia em que mais facilmente encontramos a população local e, dessa forma, também é a que possui os preços mais acessíveis. É uma praia mais informal, onde os seus frequentadores parecem não se importar muito com signos distintivos referentes à estética, tais como cor da pele, adereços, tipos de biquíni, postura etc. É a praia mais popular, em que tod@s se misturam e se apertam entre cadeiras e mesas, buscando desfrutar as delícias das cozinhas das barracas. Além da população *nativa*, os(as) turistas brasileiros(as) usualmente se concentram por lá, principalmente aqueles que viajam em família e os casais mais idosos.

Em contrapartida, os(as) turistas estrangeiros(as) dividem-se entre as praias do Madeiro e do Amor. Estas praias, além dos serviços de alimentos e bebidas, dispõem de serviços de massagem, aulas de *surf* e *body boarding*, aluguel de pranchas e caiaques, confecções de tatuagem de *henna*, entre outros. Lá, o(a) visitante, caso esteja munido de uma boa quantia de dinheiro, desfrutará de todos os prazeres de um *paraíso tropical*, com direito à espreguiçadeira, à água de coco e ao atendimento servicial. Por ser distante do centro e por seus preços serem exorbitantes,

essas praias possuem um baixo fluxo de moradores locais, além daqueles que estão prestando serviço.

Buscando distinguirem-se do restante da comunidade, os *caça-gringas* concentram-se, assim como os turistas, nas praias do Madeiro e do Amor. Alguns deles trabalham por lá, mas continuam a frequentar essas praias em dias de folga; outros encontram-se cotidianamente nesses locais, apesar de não terem vínculos empregatícios, motivados pelas ondas e pelas *gringas*. Essa tentativa de distinção do resto da população por meio da ocupação territorial de certas praias é semelhante à descrita por Gontijo (2002), quando relata que os gays abastados cariocas tentam se diferenciar da invasão nos seus antigos redutos de homossexuais das camadas populares migrando para novos. Movimento semelhante ocorreu também em Pipa, pois, há alguns anos, a Praia do Amor vem perdendo sua preferência entre os(as) turistas estrangeiros(as) e entre os *caça-gringas* para a Praia do Madeiro.

Nesses espaços, os *caça-gringas* podem ser enquadrados sob o termo *habitué*, de que fala Farias (2002). De acordo com a autora, o *habitué* é “aquele sujeito totalmente treinado nas técnicas corporais da praia, o expert no habitus local. [...] essas técnicas variam de lugar para lugar, mas incidem principalmente na forma de lidar com a areia, com o mar e com os vizinhos” (2002:272). Dessa forma, os *caça-gringas* reforçam nessas praias sua distinção em relação aos *gringos* e aos outros *nativos*, pois

Se o habitué é a autoridade na aprendizagem das técnicas corporais corretas, poderíamos pensar em seu oposto: aquela figura identificada com a ignorância em relação aos preceitos. Esta identidade contrastiva está depositada em duas categorias classificatórias: o “*gringo*” e o “*farofeiro*”. Estes dois tipos se igualam em seu desconhecimento das normas locais (Farias, 2002:272).

No nosso caso, pode-se substituir o termo “*farofeiro*” por *nativo*, pois a gramática corporal do *caça-gringa* contrasta com a dele também. Assim, a forma de andar, o linguajar, a intimidade com o mar e com a areia, a articulação com outros frequentadores e a desenvoltura na constante abordagem às mulheres, além da cor bronzeada e do corpo “sarado”, traduzem também um maior controle dos seus corpos, frutos da autodisciplina, em relação aos conterrâneos que se encontram fora desse circuito. Em contrapartida, remete também à ideia de pertencimento ao local e pode “indicar uma forma de vida marcada pela possibilidade de fruição dos “prazeres da vida”, pelo tempo livre esticado para mais e pelo tempo de trabalho encolhido para menos [...]” (Farias, 2002:279). Noutras palavras, os *caça-gringas* dominam tanto os códigos corporais *nativos* quanto os estrangeiros e, a partir da mescla desses dois referentes, eles constituem sua própria marcação.

Das vezes que frequentei a Praia do Madeiro, que sem dúvida é a praia com

maior presença de estrangeiros(as) e de *caça-gringas*, com a intenção de realizar entrevistas ou apenas para fazer observação, senti na pele a dificuldade de aprender como me portar, de assimilar as normas do espaço da praia para que minhas práticas corporais não destoassem tanto das deles, para que eu próprio não fosse “o estrangeiro”. Alcançar esta meta era complicado, pois muitos não me conheciam, apesar de eu os reconhecer de outros verões. Dessa forma, a minha presença naquele grupo representava uma intrusão. Para minimizar isso, procurava utilizar-me dos mesmos códigos corporais que eles, ou seja, falar com muitos gestos (apesar de passar por longos períodos de introspecção, sendo apenas um ouvinte), munir meu vocabulário com as gírias em voga, livrar-me do excesso de roupas, expor-me ao sol despreocupadamente e sempre fazer comentários sobre as ondas, apesar de nunca ter aprendido a surfar, e sobre as mulheres que à nossa frente desfilavam.

Certa vez resolvi fazer uma observação sobre um grupo de mulheres que se aproximava: “Olha só essa bateria que vem aí!”. Ao que fui repreendido logo em seguida: “Essas argentinas nojentas. Se acham gostosas, mas são chatas pra caralho!”. Minha infeliz observação deveu-se ao fato de que nesse ano houve uma “invasão argentina” e uma diminuição nos fluxos de turistas vindos da Europa, sendo que as argentinas, diferentemente das demais turistas, preferem relacionar-se afetivo-sexualmente com os próprios compatriotas, não dando muita abertura para outras investidas, frustrando assim os *caça-gringas*. Eles ainda as acusam de serem esnobes, chatas e de evitar gastar dinheiro.

Um fator que criou um forte obstáculo para a minha incorporação do *habitus* local foi que ele não possui padrões bem determinados, ou seja, havia uma inconstância das opiniões e dos comportamentos dos *caça-gringas* em relação às suas parceiras, bem como pela fluidez de suas autorrepresentações. Assim, em várias situações, como a descrita acima, tornava-se muito difícil saber como me portar, qual momento seria ideal para determinado comentário, o que fazer para minha presença não ser marcada apenas por uma observação distanciada etc.

Tal imprecisão denuncia a descartabilidade das identidades com as quais os *caça-gringas* se transvestem, haja vista que, de acordo com a ocasião e os envolvidos, eles se trajam com a melhor e a mais apropriada peça de seu *baú identitário* e se, *a posteriori*, esta venha a se mostrar inadequada, imprópria, eles habilmente se desfazem dela e a substituem por outra. Essa constante mudança de trajes distintivos não permite o aprisionamento desses homens em categorias generalizantes.²⁶

No entanto, invariavelmente, os *caça-gringas* elegem quem pode tornar-se manequim do *habitué* e ser assim considerado e tratado. O desdém e a replicação

26 Sobre a contextualidade das identidades de gênero, ver Moore (2000).

que impediram a minha (auto)identificação como um *habitué* são uma das táticas com as quais eles se armam para não se tornarem indistinguíveis das demais imagens que compõem aquela paisagem corporal litorânea.

Dessa maneira, assim como as praias de Pipa foram informal e sistematicamente territorializadas, tendo como referência a origem nacional/regional e a classe social de seus frequentadores, pode-se falar de uma territorialidade baseada nos próprios corpos desses atores/atrizes sociais que demarca os modos como ambos se apresentam e se adaptam, conforme as regras de exibição pública, variando ainda segundo as relações a que eles estão submetidos e/ou das quais desejam tomar parte. As técnicas e as práticas corporais valorizadas – e que funcionam como signos de distinção – são intersubjetivamente selecionadas pelos *caça-gringas* e utilizadas para hierarquizar os corpos.

4. Corpos de Apolo a serviço das pulsões de Dioniso

Em Pipa, a não adequação aos padrões apolíneos de corpo, atualmente vigentes, impede a participação de outros homens nesse mercado de sexo. Os corpos dos *caça-gringas* atuam como marcadores que identificam e diferenciam os agentes em relação a esse grupo informalmente estabelecido (cf. Goldenberg & Ramos, 2002; Mauss, 2003; Foucault, 2007).

As práticas corporais dos *caça-gringas* e a exibição pública de seus corpos são formas de se diferenciar não apenas dos homens que estão presentes naquele mesmo contexto, mas também, e sobretudo, dos homens dos países de origem das estrangeiras. Dessa maneira, por relacionarem-se com mulheres, em sua maioria, de peles claras, provindas de países classificados como frios, não só no que diz respeito ao clima, mas também quanto às relações interpessoais, eles hiperbolizam alguns traços que distinguem a corporeidade e o temperamento local, aproximando-os das imagens relativas aos estereótipos da brasilidade. As falas dos interlocutores destacam exatamente o poder de atração que esses contrastes²⁷ desempenham:

Principalmente em Pipa, não sei se isso é porque é um povo totalmente diferente dos loirinhos que tem lá, tá ligado? Eu não sei qual é não, velho. Eu só sei que às vezes tem uns caras aqui que se tiver boa pinta... Esses caras paulista, que são boa pinta, elas não sentem atração, elas sentem atração

27 Lehmann-Carpzov, ao estudar as relações entre turistas alemães e mulheres recifenses, afirma que: “Os europeus que vivem grande parte do ano sob um céu cinzento e tão bem agasalhados para se protegerem do frio, ao chegarem aqui, ficam literalmente ofuscados pelo impacto causado pela sensualidade dos corpos bronzeados das mulheres e dos homens expostos ao sol da praia. Compreende-se, então, que a força do contraste que insere o exótico e o diferente se torne fascinante e sedutora” (1994:177. Grifo meu).

pelos nativos mesmo, que são da terra, neguinho, sujo, rasta, é mais por isso mesmo, por ser diferente [...] As estrangeiras chegam aqui falando que os brasileiros são muito escrotos, tá ligado? “Os brasileiros são muito *caliente*” (Renan).

Eu acho que é por causa do contraste, porque no país delas é branco com branco, toda hora, né, tá ligado? Aí quando chega no Brasil, vê os negão, que vê o cara de cor, tá ligado, se interessa mais por um cara de cor do que por um cara que seja loiro. Porque, digamos, loiro lá e bonitão lá tem demais. Aí ela procura... a maioria das vez a gata fica com os mais feinhos, os neguinhas mais sem futuro que tem, os neguinho mais feinho, sem futuro que tem, que nem tipo Thomaz. Tá ligado? Que eu não vou dizer que ele é galã, que ele não é não. É um neguinho feinho, tá ligado, *brother*? (Pessoa, 31, pintor, paraibano).

Estando cientes do que atrai as turistas estrangeiras, esses homens se apropriam de alguns elementos dos padrões estéticos hegemônicos brasileiros, entrelaçando-os com estilos locais de ação da aparência corporal, o que positiva e incorpora o exotismo, lançado pelo olhar das *gringas*, para facilitar a conquista.

Os caras, quando vão azurar as brasileiras, ajeitam o cabelo, bota uma roupa bonita, todo cheio de *pápápá*... bem cheiroso... Tênis, isso e aquilo, uma camisa massa, uma bermuda legal... Não precisa disso tudo, não. Pode ir com os cabelos jogados mesmo, uma camisa simples, uma sandália havaiana, uma bermudinha de surfista. Quanto mais simples, elas [as *gringas*] gostam mais. Gostam da simplicidade. Em momento algum elas gostam de um cara que não seja simples, que gosta de aparecer (Sandro, 26, professor de surf e *jiu-jitsu*).

Percebe-se então que, mais do que um rosto bonito, as *gringas* procuram corpos exuberantes, particularmente fortes e negros/bronzeados. Feições mais duras (consideradas por alguns como sinônimos de feiúra), roupas simples (apesar de serem de marca), pouca higiene pessoal e um estilo despojado (influência da cultura *hippie*) resultam por reforçar o fascínio, posto que, de certa forma, esses aspectos remetem à representação de uma masculinidade primitiva, rústica, selvagem e, portanto, cuja sexualidade está mais “próxima da natureza”. Essas corporeidades destoam dos padrões hegemônicos dos corpos masculinos europeus e revelam representações de masculinidade que atualmente parecem ser raros nos países de origem dessas turistas. Outro interlocutor, Thomaz, tentou detalhar as motivações que levam as estrangeiras a desejar vivenciar relacionamentos afetivo-sexuais com os *caça-gringas*:

Lá [nos seus países de origem] as pessoas são muito fechadas [...] vai do

trabalho pra casa... são muito capitalistas. Só querem ter dinheiro. É do trabalho pra casa. A maioria dos brasileiros aqui num tem essa vida assim não! [...] Eles procuram praticar um esporte, alguma coisa... Aí aparece... e o que elas ‘vê’? Geralmente o esporte não faz o cara ficar gordo. Num faz, nunca faz. Faz o cara ficar sarado, com mais saúde. Aí quando elas vêm pro lado do litoral, vai pra praia, que vê o cara sarado, essas coisas... Aí o cara diz porra... Ficam empolgada! (Thomaz, 29, caseiro).

Renan complementa:

Muitas estrangeiras geralmente, pelo menos as que eu fiquei, elas elogiam mais o seu físico do que, do que... elas não dão muito valor a tipo: face, essas coisas, cabelo bonitinho, com rosto bem afilado tipo Brad Pitt. Elas gostam do corpo, do físico, elas dão valor a isso, da cor, elas também elogiam muito uma pele bonita. [Mas se o cara só for bronzeado já vale?] Já vale. Mas elas admiraram muito... não é tipo, você não pode ser gordo, geralmente elas gostam do físico bem sarado e geralmente ela procura a raça negra que por... pelas raízes já, já nasce com uma genética boa, tá ligado? [E a galera já surfa, já pratica seus esportes também.] Então, já te muda, já muda pra um físico bonito. [Quando elas estão contigo o que elas costumam falar?] Muito isso. [Mas elas compararam também com os homens de lá?] Não! Geralmente elas só elogiam, acho que... é, só elogiam, mesmo, admirando como se lá não tivesse, tá ligado? Acho que mais ou menos isso (Renan).

Podemos constatar, portanto, que a fantasia sexual dessas mulheres, além de ser guiada pelos padrões do corpo (supostamente) primitivo (corpo rijo, remetendo a arquétipos de força, selvageria e virilidade), é uma fantasia etnicizada e racializada,²⁸ pois como emerge em várias falas, elas desejam interagir afetivo-sexualmente com homens brasileiros de pele escura (negros/bronzeados). A inter-

28 Segundo Jeffrey Weeks: “As ideologias sexuais da última parte do século XIX apresentavam a pessoa negra – “o feroz selvagem” – como situado mais abaixo, na escala evolutiva, do que a branca: mais próxima das origens da raça humana, isto é, mais próxima da natureza” (2001:58). Essas ideologias criaram o mito do negro hipersexualizado, que se mantém vivo até hoje.

seção²⁹ entre gênero, etnia/raça e sexualidade dá-se por razões claramente etnocêntricas (eurocêntricas, no caso) resultantes das representações que as metrópoles fizeram sobre suas colônias e os povos colonizados e que, contemporaneamente, o “Primeiro-Mundo” faz do “Terceiro”. Todavia, essas visões são contemporizadas pelos *caça-gringas*, que significam essa preferência como um “natural” interesse libidinoso pela diferença, a exemplo de Pessoa e Gabriel:

É a questão do contraste mesmo que elas têm, da sacanagem que elas têm, da fantasia que elas têm na cabeça de chegar assim e ela ver, né, uma *parada*³⁰ preta entrando dentro dela, da *parada*³¹ dela branca [risos]. É, a gente é a mesma coisa também, a gente gosta desse contraste. Quem é branco gosta do moreno, quem é moreno gosta do branco, a maioria das vezes é assim (Pessoa).

Véi, a moda hoje em dia é o negão. A moda hoje em dia é o negão. [As mulheres são mais taradas no negão?] Oxê, tem umas que quando vê um negão assim ficam... [performatizando uma pessoa hipnotizada e cobiçosa] Ficam viajando na pele assim. “Poxa, tua pele é muito linda e pá”. [Mas que estrangeiras têm essas viagens?] É a galera muito branca, tá ligado? Muito branca mesmo. Norueguesa, sueca [...] (Gabriel, 24, escultor e professor de capoeira, pernambucano).

O fato é que as diferenças étnico-raciais são percebidas ainda através de uma matriz hierárquica formadora de desigualdades. Assim, o estabelecimento de fronteiras, ao mesmo tempo em que distancia os agentes, alimenta desejos de transgressão via interações subversivas, da ordem dos valores do cotidiano. Diante disso, concordando com o argumento de Richard Parker (2000), as “estruturas de poder podem ser erotizadas”.

As desigualdades sociais que separam os indivíduos de diferentes classes e raças são investidas [...] de um valor erótico aumentado. As interações

29 A interseção entre distintos eixos de poder tem sido tomada como indispensável método analítico para a compreensão dos sistemas de discriminação e desigualdade. Avtar Brah e Ann Phoenix a conceitualizam como “signifying complex, irreducible, varied, and variable effects which ensue when multiple axis of differentiation – economic, political, cultural, psychic, subjective and experiential – intersect in historically specific contexts. The concept emphasizes that different dimensions of social life cannot be separated out into discrete and pure strands” (2004:76). Esta interpretação das categorias articuladas enquadra-se numa abordagem construcionista, pois não ignora as possibilidades de agência dos atores, mesmo quando são alvos dessas encruzilhadas de diferenciação. Para maiores informações sobre o conceito de interseccionalidade, ver: Piscitelli (2008), Crenshaw (2002) e Blackwell & Naber (2002).

30 Leia-se pênis.

31 Agora se referindo à vagina.

sexuais de um homem branco e uma mulher preta, de um homem casado de classe média e um travesti de classe baixa, de uma mulher de meia-idade e seu amante adolescente, por exemplo, assumem significado especial porque violam as diferenciações que, segundo se pensa, deveriam ordenar o universo sexual (Parker, 2000:203).

As relações binacionais que incidem em Pipa são ótimos exemplares dessa erotização dos eixos de poder. Contudo, é necessário frisar que isso não ocorre unilateralmente, ou seja, não é apenas o homem brasileiro, negro/bronzeado, das camadas menos abastadas³² que é sexualmente adornado. Essa é uma via de mão dupla, as *gringas* são também erotizadas de acordo com seus referenciais de nacionalidade, raça-cor, performances de gênero etc., como pode ser visto através da fala de Renato, pernambucano enraizado em Pipa desde 2003, quando perguntado sobre o porquê da sua preferência pelas *gringas*. A cor e a nacionalidade aparecem como marcadores erotizados:

Oxê, porque eu gosto mermo é das loirinha, das *blondies*, tá ligado? Das de olhos azuis, aquelas barriguinhas branquinhas, loirinhas, dinarmaquesas. Ái é amor forte. [risos... Mas por que tu preferes esse tipo de mulher?] Pô, velho, é porque é diferente... Coisa nova assim, que o Brasil não tem e pá... [E qual é o tipo de mulher que o Brasil não tem?] Tipo lourona, dos olhos azuis, assim bem... [Brancona?] Não, brancona não! Brancona também não. Eu gosto é quando tá bem bronzeadinha... assim... camarãozinho, tá ligado? [risos]. Ái é que tá o ouro! [gargalhadas]. Mermão, a maioria que eu peguei aqui foi loira, porque eu gosto muito... loirinha, assim... (Renato, 22, instrutor de *surf*).³³

Partindo de um viés foucaultiano, podemos afirmar que, apesar de os *caça-gringas* se encontrarem em zonas de convergência de vários sistemas de diferenciação que os alocam, na maioria das vezes, em uma posição de inferioridade, o poder não é meramente repressivo, ele é também produtivo; assim, esses eixos

32 Weeks ressalta que o enclave social que se deu na relação classe-sexualidade, ao longo do século XX, estabeleceu certos padrões da vida sexual e criou algumas fantasias, mais precisamente a “crença, evidente na cultura masculina [incluímos também a feminina] de classe alta (heterossexual e homossexual), de que a mulher e o homem da classe operária [no caso em questão podemos ampliar para a classe popular como um todo] eram, de algum modo, mais espontâneos, mais próximos da natureza do que as outras pessoas” (2001:55).

33 Um pouco antes desse relato, Renato calculara em porcentagem a origem das mulheres com as quais havia se relacionado. Ele afirmou que cerca de 3% delas eram nativas de Pipa, 10% eram brasileiras de outros estados e 87%, estrangeiras. Tal atitude, que se repete nos relatos de vários outros *caça-gringas*, faz sentido, pois os homens são educados para relacionar sexo com conquista e demonstração de virilidade, desvinculando-o das noções de prazer (cf. Seidler, 1989).

normalizadores não apenas limitam, mas também oferecem recursos e brechas que possibilitam a ação. Isto permite a esses homens estereotipados tomarem de assalto essas categorias, positivando-as, e imputarem sobre suas parceiras rótulos similares (cf. Parker, 2000).

Diferentemente do sistema de gênero, que hierarquiza os corpos em masculino e feminino, e do sistema de sexualidade, que vê o corpo como “local físico para a verdade do sujeito sexual”, o sistema de referência erótico tem no corpo um “objeto de desejo e fonte de prazer. As configurações culturais que modelam o corpo erótico o caracterizam em termos de sua beleza e sensualidade, seu potencial erótico” (Parker, 2000:172).

Esta interpretação é compartilhada por Marta (31, espanhola, professora de português), que reflete sobre a ideia do estereótipo do *latin lover*, que povoa o imaginário das espanholas, bem como sobre a construção de uma imagem carnavaлизada do Brasil. Marta destaca a sensualidade exacerbada, o carinho, a disposição para o sexo e a atenção que a cativaram e que marcam algumas diferenças entre o homem brasileiro e o homem europeu.

Além do corpo e das práticas corporais, os *caça-gringas* distinguem-se dos homens europeus pelas técnicas sexuais e por uma maior passionalidade em suas demonstrações afetivas, que remetem a outras características tipicamente dirigidas ao “calor” dos trópicos e às representações da latinidade e do dom-juanismo, dado seu virtuosismo sexual. Essas características são alçadas pelos próprios *caça-gringas*:

[Em sua opinião, por que essas mulheres transam com os brasileiros?] A cor, a energia. [A galera de lá é muito fria?] Fria, é. Os caras de lá pegam as mulher não fazem bem feito. Dão uma e dormem do lado. O brasileiro, não, dá uma³⁴ e quer mais, pressão de novo (Vagner,³⁵ 26, paraibano, vendedor).

Meu irmão, acho porque elas acham os brasileiro instigado, a língua brasileira também, tá ligado? Idioma, assim. Porque os brasileiro são quente, assim [...] Porque tem muitas mermo que eu pego assim que não são as safadas mermo, tá ligado? Aí quem ensina a safadeza é a gente. É, a gente ensina a safadeza aqui com elas. É, mais tem outras que falam: “Porra, bem que me disseram que os brasileiros eram pauleira mermo” (Renato).

34 *Dar uma* é uma expressão popular para o ato sexual.

35 Vagner foge à regra, pois não é nativo, nem pode ser considerado local, já que, até o momento de sua entrevista, estava morando em Pipa há apenas 10 meses. No entanto, segundo ele, já havia se relacionado com cerca de 50 estrangeiras.

Rola uma fama. Os homens brasileiros são mais carinhosos. Depois do sexo rola conversa, os europeus deita e dorme (Sandro).

Do mesmo modo, eles elaboram distinções entre as turistas estrangeiras com base nas suas práticas sexuais e no seu temperamento (que, de acordo com as falas, é influenciado tanto pela cultura quanto pelo clima de seus países de origem). As nacionalidades que eles sacam discursivamente revelam a ampla gama de mulheres com quem tiveram experiências afetivo-sexuais. Dessa forma, eles destacam os pontos positivos de se relacionar com estrangeiras, qual delas tem a sua preferência e as compararam com a sexualidade das brasileiras:

As argentinas são *mui calientes*. As suecas são muito frias, assim, é só meter [fazendo um gesto com as mãos, popularmente significado como uma relação sexual] e pronto, acabou-se, não tem carinho, não tem isso. Porque a argentina tem esse negócio de carinho, coisa mais de corpo. É um sexo completo, as suecas só quer meter e pronto. [As norueguesas também?] Norueguesa também, é tudo assim, é tudo fria, tá ligado, desse jeito. E, assim, em relação de sentimento, ela não gosta de andar com você de mão dada na rua, ela não gosta de tá abraçando toda hora, sabe. É tipo de um relacionamento como se fosse dois, duas pessoas... amigos que se conhecessem, mas que na hora eles tinham um relacionamento, tá ligado? [repetiu o gesto acima.] [E como são as espanholas e italianas?] Espanhola e italiana são mais... então, espanhola, italiana, argentina, geralmente, esses países todos da América do Sul, né?³⁶ Uruguai e tal, são pessoas assim, mais carinhosas, mais parecidas com os brasileiros assim, acho que até mesmo pela cultura ser parecida também. É assim mesmo (Renan).

As mais fuderosas é italiana, israelita e as espanholas, essas daí são fogosas pra caralho. [E as argentinas?] Já namorei uma argentina também, mas... eu só namorei com uma, tá ligado? Mas não peguei mais argentina, mas são mulheres muito lindas, as argentinas. É quase de se comparar com as brasileiras, mas são muito lindas, vê, todas. [Mas qual é a que tu prefere mais?] Da Europa ou da América do Sul? [Qualquer uma.] Rapaz, eu prefiro as italianas. [Qual é a delas?] O quê? São lindas, gostosas e fogosas. São escrotas, vê. [E a diferença no sexo, a mais safada é a italiana?] Rapaz, a que topa tudo é a italiana, viu. Topa tudo vê (Gabriel).

Brasileira é mais quente, né? Mas as europeias não têm frescura em relação ao sexo, tá ligado. Liberal. [Qual prefere?] Quem me quer. [risos] [Entre ser quente e liberal tu prefere o quê?] A liberal, pra rasgar ela toda (Vagner).

³⁶ Renan, na verdade, estava querendo se referir aos países de raiz latina. Essa confusão quanto aos referenciais geográficos demonstra sua baixa formação educacional e, consequentemente, um baixo capital cultural.

As estrangeiras querem namorar, porque sem querer ou não a gente acaba se apegando. [E tu prefere qual?] Eu prefiro a estrangeira, porque elas falam o que tão sentindo, não engana a pessoa. São sinceras e nunca vão ficar com outra pessoa sem você ser o primeiro a saber. [Entre as estrangeiras dá pra sentir uma diferença?] Cada lugar tem uma cultura diferente e da cultura diferente, você aprende com a cultura e você aprende mais ou menos como é que é, você aprende como deve ser e como deve mais ou menos agir. [Mas em termos de relacionamento?] Tem, em termos de cultura. A portuguesa e as israelitas são as mulheres mais fechadas que tem no mundo. São as que eu indicaria você a não tentar ficar. [...] E no sexo tem diferença entre as estrangeiras?] Tem! As espanholas são as mais quentes. As italianas são mais ainda. As holandesas são as que sabem fazer o melhor *boquete*.³⁷ [Mas as brasileiras não têm também a fama de serem boas de cama?] As brasileiras são boas de cama, mas a questão é [...] Mas outros países que são grandes [leia-se desenvolvidos] a mulher aprende mais cedo a ser mulher. [E qual foi a melhor mulher que tu já pegou? De que país?] Portugal. [Mas não era a mais fechada?] Elas são fechadas, mas também quando elas abrem... [risos maliciosos] (Bento, 24, fotógrafo).

Marcel Mauss, no fim de seu texto sobre as técnicas do corpo, dedica-se brevemente ao que ele chama de “técnicas de reprodução”. Para ele, não há “nada mais técnico do que as posições sexuais”. Por fim, afirma que “as técnicas e a moral sexuais estão em estreitas relações” (2003:419). Estes fatores estão implicitamente presentes no discurso de Bento, quando ele diz que a mulher estrangeira “aprende mais cedo a ser mulher”. Analisando esta afirmação, Bento revela uma moral que inibe e retarda o início da vida sexual das mulheres brasileiras (implicitamente ele toma por base as nativas), o que talvez prejudique o desempenho destas, já que não são tão permissivas e liberais quanto as gringas.

Além dessa preferência explícita pelas mulheres estrangeiras, tendo como referência suas marcas corporais (tonalidade da pele, cor e textura dos cabelos, cor dos olhos) e práticas sexuais, os *caça-gringas* acusam as *nativas*³⁸ de selarem relacionamentos movidas por interesses extra-amorosos e por serem muito pudicas. Eles relatam que as pipenses observam e valorizam a profissão e a renda de seus pretendentes – ao contrário das turistas estrangeiras, que se envolvem sem levar em conta estes aspectos – e desejam empreender sempre relacionamentos sérios. Thomaz e outros *caça-gringas* fazem uma panorâmica das diferenças:

37 Termo popular referente à prática de sexo oral feita pelas mulheres nos homens. Equivale à gíria inglesa *blow job*.

38 Às vezes, as características que marcam as *nativas* são aplicadas, de uma maneira geral, para a mulher brasileira.

Aí, depois fui conhecendo as *gringas* e eu num quis saber de negócio de brasileira, não! Tu é doido, é? É porque brasileira é complicada... assim... pro cara namorar. É porque as *gringa* pô, vêm pra ficar mesmo, quer o cara mesmo! E as brasileira é mais por interesse, a maioria, a maioria mesmo. Visa o que o cara tem, visa onde é que o cara tá, o que é que o cara faz. As *gringas*, quando elas vêm, muito mal ela procura saber quem é o cara, pode prestar atenção. Ela num procura saber não. Ela vem pra curtir, vem pra conhecer... turista, né? Aí, pá, se envolve mesmo, se entrega, né? (Thomaz).

Rapaz, já fiquei com argentina, uruguaia, semana passada fiquei com uma. Mas geralmente esses países muito... por exemplo Suécia, Suíça, que você vê a galera em relação assim de relacionamento, a galera tem a cabeça muito mais aberta, tá ligado? Não é uma coisa muito, não é uma coisa assim tipo de... muito mais aberto, pra tipo tá com você e tá com outro e liberar. É uma galera mais aberta, coisa mais liberada. Aqui no Brasil, tanto aqui no Nordeste, aqui no Nordeste é pior ainda, parece que quando fica a primeira vez a pessoa já diz que tá namorando, as *nativas* daqui já quer apresentar pro pai, não sei o quê. As de outro estado não, as de outro estado já é pouco um meio termo, tá ligado? Assim, as mais fogosas, vamos dizer assim, as mais... as que você pode ter um relacionamento muito mais aberto são as estrangeiras. Até pelo país, pela cultura delas, é muito além das brasileiras (Renan).

Brasileiras não. Elas são interesseiras, visam os bens materiais. A estrangeira é independente, o que importa é se você é um cara legal, de confiança (Sandro).

As mulheres de Pipa têm um desenvolvimento mental, o intelectual é baixo. A estrangeira é mais independente, mais mulher, mais liberal, mais aberta, tá ligado, moleque? (Jorge, 24, instrutor de surf).

Porra, porque as nativas mesmo num quer tipo um cara como eu que só quer curtir mesmo, assim, tá ligado? Porque, meu irmão, pra falar a verdade, véi, das poucas que eu estive, tá ligado? E eu também não instigo chegar, eu me inspiro nela, mas não inspiro em chegar assim e azarar, tá ligado? Porque elas são muito certinha, tá ligado? Pá e pá, tem que ficar com um cara sério. [Um cara pra casar, né?] É, mas eu não quero casar agora nem a pau (Renato).

5. Considerações finais

Essas são percepções marcadas pelo contraste, em que o temperamento, o caráter e o potencial libertino das estrangeiras são mais valorizados do que os tipos

locais. A partir do que foi exposto, percebe-se um movimento de deslocamentos de preferências afetivo-sexuais, já que as mulheres estrangeiras, oriundas principalmente de países “primeiro-mundistas”, em contextos de viagem, apontam a positividade de se manterem relações com os moradores locais, enquanto homens *nativos* e *locais* falam das vantagens do envolvimento com *gringas*. Tem-se aí um forte teor de estetização e erotização entre as nacionalidades, sendo que o corpo e as práticas corporais e sexuais ocupam um lugar de destaque nesse mercado. Ao final, apesar de esses corpos estarem assentados em padrões hegemônicos de beleza em relação às suas culturas de origem, as relações que se engendram entre esses parceiros também são impulsionadas por certo grau de exotização que cada um deles forja sobre o outro – é o que Adriana Piscitelli (2008) chama de “*sex-appeal étnico*”.³⁹

Embora esses sistemas de diferenciação atualizem desigualdades globais, com base na origem nacional, na raça/cor, no gênero, nas situações de classe social – o que justifica e exige uma análise interseccional do turismo sexualmente motivado – é o *tesão* que dá o tempero para que as interações se configurem (Parker, 2000).

No diría que los hombres se están aprovechando, es de parte de los dos. En realidad, una troca igual. Si los dos quieren, tienen más que aprovechar. Las personas cuando viajan como que no quieren relacionarse con gente del mismo país, entonces como que buscan [personas] del lugar adonde van. Por ejemplo: “Con argentinos no voy hablar”, digo yo. “Excepto con las argentinas, pero con los argentinos no voy hablar”. [...] Para mí, lo común es que cuando vas a salir de ferias no vas a encontrar algo serio tampoco. [...] Pero eso es algo atípico que pasa. Lo común es que ir de vacaciones y conocer a otra gente del país, pero para diversión, no para algo serio (Melina, 32, argentina, visitadora médica).

Esse mercado de sexo transacional, como relata Melina, é mutuamente benéfico e, se existem explorações, elas são simétricas. Embora em seus discursos e através da própria categoria êmica que os nomeia esteja presente a ideia de que eles são os sujeitos ativos dessas relações, aqueles que *caçam* e que vão à *caça*, esses homens são também alvo do assédio espontâneo das estrangeiras, que buscam interagir com as pessoas do local e trazem consigo fantasias sexuais culturalmente construídas sobre a sensualidade brasileira e o tempero dos trópicos. Portanto, o “sexo já não define mais quem é a caça ou o caçador” (Nolasco, 1995:21). Compactuando com a argumentação de Klaus de Albuquerque, esse tipo de sexo mer-

³⁹ Este termo é trazido por Piscitelli para destacar os processos de racialização/sexualização articulados a gênero e nacionalidade.

cantil em contexto de viagem é bem mais complexo do que a literatura sobre o turismo sexual na Ásia é capaz de suscitar, e “sometimes it is difficult to determine who is being ‘found, fucked, and forgotten’” (1999:110).

Por fim, faz-se mister lembrar que os *caça-gringas* formam um grupo bastante heterogêneo, como qualquer outro, possuindo fontes de renda, apresentação pessoal (seus estilos estão atrelados a referenciais de masculinidade que remetem a estereótipos do *bon-vivant* ligados à descontração e ao despojamento, como o surfista, o jogador de futebol, o *hippie* etc.), envolvimento com mulheres turistas de distintos países, objetivos a curto e a longo prazo, formas de escolher suas parceiras, honestidade, sinceridade e dependência, em formas e graus distintos. O modo como cada um destes atores vivencia e significa essas interações afetivo-sexuais é também variável. O corpo, lócus do prazer e da dor, e seu “capital-aparência” influenciam essas experiências, haja vista que é através do corpo que estamos no mundo e é nele que nossas trajetórias de vida se revelam. Todavia, seu ponto de convergência, para além das preferências afetivo-sexuais pelas *gringas*, está no fato de eles tomarem o corpo como seu principal substrato identitário, instrumento através do qual eles se enraízam no mundo e ganham visibilidade, reconhecimento e destaque.

Recebido: 14/10/2010
Aceito para publicação: 02/03/2011

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Klaus de. 1999. "Sex, Beach Boys, and Female Tourists in the Caribbean". In: DANK, Barry M. & REFINETTI, Roberto (orgs.). *Sex Work & Sex Workers: sexuality & culture*. Vol. 2, p. 87-111, London.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. 2003. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento.
- ALFONSO, Louise Prado. 2006. *EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- BLACKWELL, Maylei & NABER, Nadine. 2002. "Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais". *Revistas Estudos Feministas*, p. 189-198, Santa Catarina, UFSC.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. 1983. Rio de Janeiro: Marco zero.
- BRAH, Avtar & PHOENIX, Ann. 2004. "Ain't I a Woman? Revisiting Intersectionality". *Journal of International Women's Studies*. Vol. 5, n.º 3, p. 75-86, Massachusetts.
- CORRÊA, Mariza. 1996. "Sobre a Invenção da Mulata". In: KOFES, Suely (org.). *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*. Vol. 6/7, p. 35-50, Campinas.
- CORRÊA, Regina Helena M. A. 2008. *Gilberto Freyre e a Tradução do Brasil* [on line] Disponível em: <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/imxgRi/Correa%20Regina.doc>. Acesso em 21/03/2009.
- COSTA, Sérgio. 2001. "A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo". *Tempo Social – revista de sociologia da USP*. Vol. 13, n.º 1, p. 143-158, São Paulo.
- CRENSHAW, Kimberlé. 2002. "Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero". *Revistas Estudos Feministas*, p. 171- 188, Santa Catarina, UFSC.
- DE CERTEAU, Michel. 2007. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 13^a ed. Petrópolis: Vozes.
- FARIAS, Patrícias. 2002. "Corpo e classificação de cor numa praia carioca". In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record. p. 263-302.
- FOUCAULT, Michel. 2007. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 18^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUGERAY, Sylvie. 1997. "Do corpo na Antropologia à Antropologia do Corpo". In: *Antropologia: Memória, Tradição e Perspectivas*. Recife: Ed. Universitária. p. 289-296.

- FREYRE, Gilberto. 2006[1933]. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.* 51^a ed. São Paulo: Global.
- GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. 2002. “A civilização das formas: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.* Rio de Janeiro: Record. p. 19-40.
- GONTIJO, Fabiano. 2002. “Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas”. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.* Rio de Janeiro: Record. p. 41-77.
- LE BRETON, David. 2007. *A Sociologia do Corpo.* 2^a ed. Petrópolis: Vozes.
- LEHMANN-CARPAZOV, Ana Rosa. 1994. *Turismo e Identidade: Construção de identidades sociais no contexto de turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade de Recife.* Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e antropologia.* São Paulo: Cosac & Naify.
- MOORE, Henrietta L. 2000. “Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade: gênero, raça e violência”. In: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Cadernos Pagu: Corporificando gênero.* Vol. 14, p. 13-44, Campinas, Unicamp.
- MOUTINHO, Laura. 2004. *Razão, “cor” e desejo.* São Paulo: Editora Unesp.
- NOLASCO, Sócrates. 1995. *A Desconstrução do Masculino.* Rio de Janeiro: Rocco.
- PARKER, Richard. 2000. *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.* 3^a ed. São Paulo: Editora Best Seller.
- PISCITELLI, Adriana. 2000. “Trechos de um Diário de Campo: mundos contemporâneos, gênero, desigualdades”. In: Seminário A questão social em 500 anos, Rio de Janeiro.
- PISCITELLI, Adriana. 2001. “Gringos nos Trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza”. In: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações Internacionais, contribuições para políticas.* Vol. 1, p. 589-613, Brasília.
- PISCITELLI, Adriana. 2008. “Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras”. *Sociedade e Cultura.* Vol. 11, nº 2, p. 263-274, Goiânia.
- RIBEIRO, Darcy. 2006. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras.
- SEIDLER, Victor J. 1989. *Rediscovering Masculinity: reason, language and sexuality.* London: Routledge.
- WEEKS, Jeffrey. 2001. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica. p. 35-82.